

**BOLETIM
DO
ARQUIVO
HISTÓRICO
DE JOINVILLE**



**Vol. XVI, n. 23,
janeiro, fevereiro, março
2023.**

ISSN 14133434

SUMÁRIO



Editorial – Você é muito importante – Giane Maria de Souza	3
O Arquivo e a cidade – Verdadeira história da Fundação Tupy – Ary Silveira de Souza – In memoriam	4
Pesquisadores e o AHJ – Vestígios de um sonho, ou a antecipação geográfica e burocrática do Castelo Coradelli (Joinville/SC, 1982-2016) – Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto	10
Educação Patrimonial	28
Teses e Dissertações de pesquisadores do AHJ – Ecos de democratização: uma análise das vozes do processo de transição do regime militar em Joinville – Izaias de Souza Freire	32
Memória do Boletim – Tradução de Maria Thereza Böbel	35
Por dentro do acervo – Tradução de Sophie Krueger	42
Aconteceu na cidade	46
Expediente	47

Você é muito importante!

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), em 20 de março de 2023, completou 51 anos. Uma aluna de 10 anos, em visita da escola ao AHJ, escreveu os dizeres “Você é muito importante”. Essa singela frase é um enorme reconhecimento para o aniversário da instituição. O AHJ é crucial para a cidade e país, um patrimônio arquivístico que deve ser reverenciado. Por isso, seguimos em busca de melhorias para as nossas estruturas físicas, com o sonho de qualificar e repor o nosso quadro técnico.

O presente volume trimestral do Boletim do AHJ, n. 23, refere-se aos meses de janeiro, fevereiro e março do ano corrente. Nesta edição, apresentam-se aos leitores algumas seções, resultado da contribuição dos colegas do AHJ e dos pesquisadores que produzem com as fontes históricas dessa instituição. Na seção “O Arquivo e a cidade” publicamos o artigo do saudoso Ary Silveira de Souza, que infelizmente faleceu antes de receber seu artigo publicado. O jornalista nos conta as controvérsias sobre a história da metalúrgica Tupy a partir da missiva de um leitor.

Na seção “Pesquisadores e o AHJ”, o acadêmico de história da Univille, Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto, contribui com um artigo que aborda o “Castelo do Coradelli” e como o imaginário popular denomina essa edificação iniciada em 1996.

Na seção destinada à educação patrimonial são publicadas algumas imagens dos atendimentos realizados no AHJ. Na seção “Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ”, apresentamos o resumo da dissertação do historiador Izaias de Souza Freire sobre o mundo do trabalho em Joinville. Na seção “Memória do Boletim” é reproduzida uma tradução de Maria Thereza Böbel, sobre um protesto assinado pelos passageiros do navio de imigrantes “Viktória”. Publicado originalmente no *Kolonie Zeitung*, em 4 de janeiro de 1868, relata as péssimas acomodações e alimentação à bordo, em uma viagem que custou a vida de 51 imigrantes. O relato nos faz refletir sobre os deslocamentos emigratórios de refugiados em nossa contemporaneidade. Em “Por dentro do acervo” publicamos uma tradução da acadêmica da Faculdade de Relações Internacionais Sophie Krüger da Universidade Positivo de Curitiba. Trata-se de uma reportagem do *Kolonie Zeitung*, divulgada originalmente em 28 de janeiro de 1865, posicionando-se politicamente sobre a guerra civil americana.

O presente Boletim oferta artigos e traduções e, desse modo, contribui para transcender as fronteiras do acervo do AHJ, problematizando os tempos históricos e contemporâneos.

[1] Doutora em História pela UFSC, especialista cultural e educadora no AHJ

Pesquisadores e o AHJ

In Memoriam



Fonte: Acervo do autor

Décimo filho de Thomaz Silveira de Souza e Maria Francisca de Souza, o jornalista Ary Silveira de Souza nasceu no bairro Boa Vista em 29 de julho de 1936. Em 1942, frequentou o 1º Ano do Ensino Primário da Escola Professor Júlio Machado da Luz. Tereza de Jesus Miranda Alves foi sua primeira professora. Com a transferência da família para São José, atual Região Metropolitana de Florianópolis, frequentou a Escola Isolada da Ponta de Baixo e Grupo Escolar Francisco Tolentino, onde concluiu o Primário. Em 1953 fez o curso de Admissão ao Ginásio no Colégio Bom Jesus, em Joinville.

Aos 14 anos já trabalhava na empresa Stomol Ltda. Depois Impressora Ipiranga Ltda., Drogeria e Farmácia Catarinense, Rádio Difusora de Joinville e Banco do Estado de Santa Catarina. Após a aposentadoria (1985), gerenciou por 10 anos a Sucursal do Jornal *O Estado* em Joinville. Em 1997, fundou a empresa *Jornal dos Bairros de Joinville*, que manteve jornais impressos circulando até abril de 2020, data do encerramento das edições impressas. Após, o *Jornal dos Bairros de Joinville* foi transformado no portal de notícia JI Online <https://jornalbairros.com.br/>

Na vida pessoal, casou-se em 18 de dezembro de 1965 com Claudete Maria Vieira de Souza. O casal tem três filhos; Sérgio Luís, Patrícia e Taís.

Jornalista profissional, registro nº 0037 DRT/SC; radialista e escritor. Prossegue na direção da empresa que fundou em 1997.

Memória de Joinville

Verdadeira história da Fundação Tupy

Carta de leitor contesta publicação de história da Fundação Tupy

Ary Silveira de Souza [1]

Decorridos 34 anos volto a escrever sobre o início de uma empresa, a maior de Joinville. Fatos não narrados na matéria que produzi para o jornal O Estado, edição de 9 de março de 1987 (aniversário de Joinville), foram lembrados por meio de correspondência recebida de Martin Meyer, leitor residente em Blumenau. Escrita em 22 de março de 1987, acrescenta informações ausentes na publicação. O missivista morreu há 33 anos.

Na carta datilografada, o autor demonstra fartos conhecimentos sobre a história de nossa cidade, principalmente sobre as origens da maior empresa de Joinville. Chamado pelo Criador um ano depois de enviar essa carta, o missivista natural da Alemanha deixou um exemplo de trabalho e legado de cultura, respeito e amor ao Brasil.

O leitor inicia cumprimentado esse repórter pela matéria que classifica de "excelente". Depois de citar que se refere ao conteúdo da página 15 do jornal O Estado, edição de 9 de março de 1987, título "Aspecto Industrial", o missivista então contesta esse autor da matéria a partir do ponto em que ela informa a data de fundação da empresa Fundação Tupy, em 9 de março de 1938, como uma pequena fundição de propriedade de Albano Schmidt: "Mera fantasia e longe da realidade".

Mais adiante, considera o repórter "um desinformado como quase todos os nossos conterrâneos em relação às autênticas raízes e a origem da Fundação Tupy." E diz mais: "Seja-me permitido narrar-lhe, para a sua orientação, em breves traços, como realmente se deu a história, baseando-me, além das minhas recordações pessoais, em informações herdadas de pessoas envolvidas nos acontecimentos, já falecidas."

[1] Jornalista, radialista e escritor. Editor do JI Online

A história sendo contestada

"Tudo começou em 1908, quando o cidadão Frederico Birckholz, então dono de uma modesta ferraria colonial no centro de Joinville, convidou o mecânico August Klimmeck para uma sociedade (capital de 3 contos de réis) constituindo-se assim a primitiva firma Birckholz & Klimmeck. Entretanto, o novo sócio, possuía ideias mais progressistas e era pouco entusiasmado com a rotina de uma ferraria convencional (consertar carroças de colonos, ferrar cavalos, etc.). Também era possuidor de vastos e sólidos conhecimentos e práticas em engenharia mecânica, em fundição de metais, etc., adquiridos em longos anos de aprendizagem e de intensiva formação profissional na Alemanha. Assim, tomou a iniciativa de ali instalar uma oficina mecânica com solda a oxigênio, absoluta novidade em Joinville, e ainda uma modesta fundição de ferro, visando produzir uma boa linha de artigos para o comércio da colônia.

Bem-sucedida a empresa, notadamente no setor mecânico – com construção de determinadas máquinas para as indústrias (têxteis, serrarias, etc.), que na época vinham a se instalar na colônia/cidade –, e fazendo-se sentir a falta de um engenheiro graduado, foi admitido na sociedade o engenheiro Enterlein, alterando-se a razão social para "Birckholz, Klimmeck & Enterlein".

Figuras 1 e 2 — Sr. Martin Meyer

MARTIN MEYER
CASA POSTAL, 104
RUA BOACON, 215
1 - BLUMENAU - SC

Blumenau, 22 de Março de 1967.

Ilm. Sr. Silveira de Sousa
Reporter do Jornal "O Estado"
Florianópolis.

Prezado Senhor.

Referindo-me, embora tardiamente, à sua excelente reportagem "JOINVILLE está comemorando..." ("O Estado" de 9/3/67 - página 15) especialmente, no capítulo "Aspecto Industrial" onde o sr. escreve "Uma pequena fundição que começou a funcionar no dia 9 de Março de 1908, de propriedade de Albano Schmidt..." - mera fantasia, longe realidade - e, supondo o sr. estar informado (como, lamentavelmente, quase todos os nossos contemporâneos) em relação à autêntica origem e ao origem da "Fundição Tupy", veja-se permitido correr-lhe, para a sua orientação, em breves trechos, como realmente se deu a história (baseando-me, além das minhas recordações pessoais, em informações verbalmente "hardadas" de pessoas não envolvidas nos acontecimentos - já falecidas).

Final, tudo começou em 1908. (importante, a/s 30 anos antes de se ouvir falar na "Tupy") quando o cidadão Frederico Birckholz, então dono de uma modesta ferraria colonial no centro de Joinville, convidou o mecânico August Klimmeck para uma sociedade (com 3 contos de réis de capital) constituindo-se assim a primitiva firma Birckholz & Klimmeck.

Entretanto, o novo sócio, com ideias já mais "progressistas", e pouco entusiasmado com a rotina rotineira numa ferraria convencional (consertar carroças de colonos, ferrar cavalos etc.) possuía de vastos e sólidos conhecimentos e práticas em engenharia mecânica, em fundição de metais etc. Adquiridos em longos anos de aprendizagem e de intensiva formação profissional, na Alemanha. Tomou a iniciativa de ali instalar uma oficina mecânica, com solda a oxigênio absoluta novidade em Joinville) e ainda uma modesta fundição de ferro, visando produzir uma boa linha de artigos para o comércio da colônia.

Assim, bem sucedida a jovem empresa, notadamente no setor mecânico, com a construção de determinadas máquinas para as indústrias (têxteis, serrarias etc.) que na época vinham instalando na colônia/cidade, e fazendo-se sentir a falta de um engenheiro graduado, foi admitido na sociedade o engenheiro Enterlein e alterada a razão social para "Birckholz, Klimmeck & Enterlein".

Anos mais tarde, depois da 1ª Guerra Mundial (que deu bastante impulso à empresa, devido à falta total de importações, durante alguns anos, agora já uma indústria em acelerada expansão, com já elevado número de operários, foi construído aquela enorme (e bonita) área industrial, na esquina com a Sen. Felipe Schmidt (próxima à Cia. Wetzel) - infelizmente hoje já demolida, pois foi lá o autêntico berço da Fundição Tupy, conforme logo veremos.

Em 1921, retirando-se da sociedade o sr. August Klimmeck (o mesmo que, anos depois, fundou a famosa indústria "Condor" em São Bento do Sul) a firma prosseguiu sob a razão de "Birckholz & Enterlein" e, mais tarde, tendo falecido o sr. Frederico Birckholz e a conseqüente entrada de novos sócios capitalistas, passou para "Enterlein, Keller & Cia." e, com o falecimento ainda do sr. Enterlein, simplesmente "Keller & Cia." - mais tarde transformada em Sociedade Anônima.

Foi nessa fase que Albano Schmidt entrou na empresa como simples funcionário. - Jovem muito simpático, educadíssimo, dotado de invulgar inteligência e dinamismo, uma autêntica mola propulsora, si iniciou a sua vertiginosa carreira até alcançar, merecidamente, a liderança na empresa, (na época, já uma potência, uma das maiores e mais destacadas indústrias de Joinville, com muitas centenas de operários) que Albano Schmidt transformou em "Fundição Tupy" cuja história tem sido bastante divulgada.

Portanto, em 1938, já não foi nenhuma "pequena fundição da propriedade de Albano Schmidt" - como se lê em v/ citada publicação:

Sem dúvida, Albano Schmidt foi o maior gênio entre os industriais de sua geração, neste Estado.

Atenciosas saudações
Martin Meyer

Fonte: arquivo da família Meyer

Anos mais tarde, depois da 1ª Guerra Mundial (que deu bastante impulso à empresa devido a falta total de importações, durante alguns anos), tornou-se uma indústria em acelerada expansão, com elevado número de operários. Foi construída aquela enorme e bonita área industrial na esquina com a Senador Schmidt (próximo à Wetzel). Infelizmente já demolida, pois foi lá o autêntico berço da Fundação Tupy, conforme logo veremos.

Em 1921, retirando-se da sociedade o Sr. August Klimmeck (o mesmo que anos depois fundou a famosa indústria 'Condor' em São Bento do Sul) a firma prosseguiu sob a razão social de 'Birckholz & Enterlein' e mais tarde, tendo falecido o Sr. Frederico Birckholz e a conseqüente entrada de novos capitalistas, passou para 'Enterlain, Keller & Cia'. E, com o falecimento ainda do Sr. Enterlein, simplesmente 'Keller & Cia' – mais tarde transformada em Sociedade Anônima.

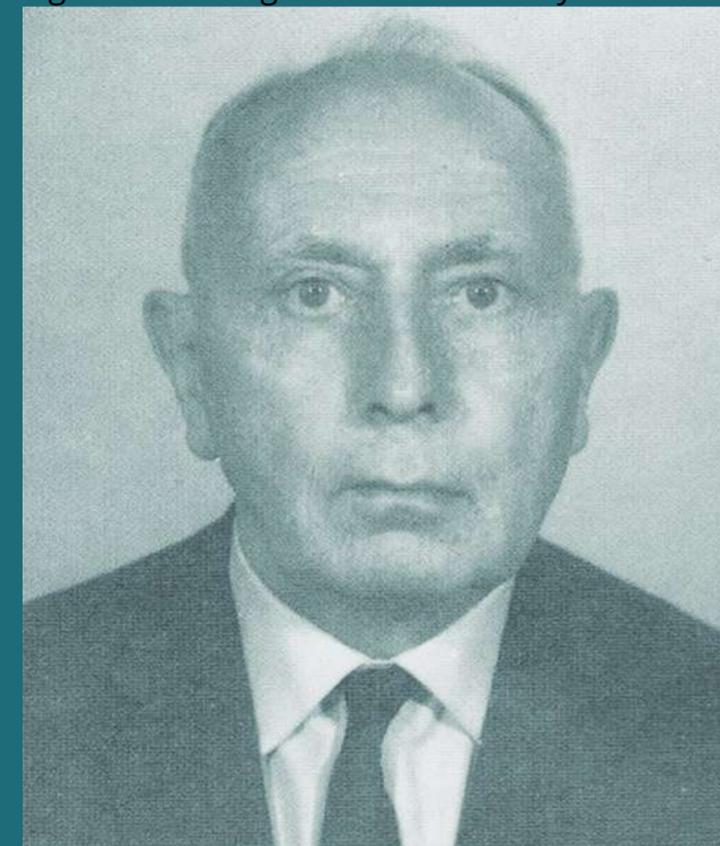
Foi nessa fase que Albano Schmidt entrou na empresa como simples funcionário. Jovem muito simpático, educadíssimo, dotado de invulgar inteligência e dinamismo, uma autêntica mola propulsora, aí iniciou a sua verdadeira carreira até alcançar, merecidamente, a liderança na empresa (na época, já uma potência, uma das maiores e mais destacadas indústrias de Joinville, com muitas centenas de operários) que Albano Schmidt transformou em 'Fundação Tupy' cuja história tem sido bastante divulgada.

Portanto, em 1938, já não era nenhuma pequena fundição de propriedade de Albano Schmidt, como se lê na citada publicação. Sem dúvida Albano Schmidt foi o maior gênio entre todos os industriais de sua geração neste Estado.

Atenciosas saudações

Martin Meyer - rua Iguaçu, 210 - Blumenau

Figura 3 — Fotografia de Martin Meyer



Fonte: arquivo de família Meyer

Respondendo a Martin Meyer

Ao rever meu arquivo de textos e imagens acumulados por mais de meio século de atuação em emissoras de rádio e redação de jornais, o que faço com certa frequência, tive a atenção despertada por uma carta datilografada e ainda no interior do envelope original.

Recebi a correspondência assinada pelo leitor Martin Meyer, quando eu exercia a gerência do jornal O Estado, em Joinville. Em comemoração aos 132 anos de Joinville, produzimos o caderno especial focalizando vários aspectos da cidade, incluindo suas indústrias.

Ao fazer referência à Fundação Tupy, abri a matéria informando que em 9 de março de 1938 a empresa havia iniciado suas atividades a partir de uma pequena fundição. Conhecedor da história, o leitor não hesitou em contrariar o repórter e relatar a sua versão publicada agora, mais de 33 anos depois de seu falecimento.

Apesar de conter a identificação do remetente, incluindo nome completo, endereço e número da caixa postal, para a publicação da carta havia a vontade de conhecer melhor o missivista. Pesquisas indicaram que um empresário blumenauense com o mesmo sobrenome havia presidido a Acib - Associação Empresarial de Blumenau.

Depois de conseguir o número do celular ligamos para o ex-presidente da Acib, empresário Hans Martin Meyer. Nossa tarefa foi facilitada pela forma gentil com que atendeu nossa primeira ligação. Pediu desculpas por não poder se alongar na ligação, mas que ligaria mais tarde. Pouco tempo depois retornou e justificou o fato de não haver se alongado anteriormente por estar na cadeira do barbeiro. Falei a ele sobre a existência da carta de Martin Meyer. Foi a partir deste momento que aumentou o meu desejo de revelar o conteúdo da correspondência.

Ficamos sabendo que o empresário é filho de Martin Meyer, o autor da carta. Cordial durante toda a longa conversa, Hans Martin Meyer, presidente da Acib no período 1993/1997, fez curiosas revelações sobre a trajetória de seu pai desde a sua chegada no Brasil.

Natural da Alemanha, região da Baviera, Martin Meyer, contabilista formado, deixou seu país com destino a Blumenau. A bordo do navio conheceu um mecânico de bicicletas, também alemão, que tinha Joinville por destino. O mecânico informou que estava com emprego garantido na empresa Germano Stein, com importante atuação na venda de bicicletas. Antes de chegar ao porto de São Francisco do Sul o mecânico já havia conseguido alterar o destino de Martin.

Decidido a ficar em Joinville, Martin deixou o navio juntamente com o mecânico que já era esperado pelo empresário joinvilense, Germano Stein, a quem foi apresentado. Em ato contínuo recebeu convite para trabalhar na sua empresa. Entre outras funções na Germano Stein S/A; foi vendedor, gerente da filial da empresa na cidade de Mafra, entre outras.

Foi testemunha ocular de uma importante fase do desenvolvimento de Joinville. Seus conhecimentos sobre a história da Fundação Tupy foram enriquecidos por ter casado com uma filha de August Klimmeck, que até 1921 foi sócio da empresa Birckholz, Klimmek & Enterlein.

Agradecimentos

Ary Silveira de Souza

A carta

Ao autor da carta, Martin Meyer (*in memoriam*) pela disposição e altruísmo em transferir conhecimentos revelando sua versão sobre o início da Fundação Tupy, um entre muitos legados Ao empresário blumenauense Hans Martin Meyer, pela forma gentil com que atendeu nossos telefonemas, contribuindo decisivamente para acrescentar valiosas informações sobre a vida do missivista.

Ary Silveira de Souza
(1936-2023)

escreveu sobre Joinville com
muito amor pela história da
cidade e pelo jornalismo.



Sentiremos saudades de suas
visitas ao AHJ , de sua gentileza e
curiosidade histórica.

Figura 4 — Fotografia da empresa Birckholz, Klimmeck & Enterlein



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville

Pesquisadores e o AHJ

Vestígios de um sonho, ou a antecipação geográfica e burocrática do Castelo Coradelli (Joinville/SC, 1982-2016)

Traces of a dream, or the geographic and bureaucratic anticipation of Coradelli Castle

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto

Resumo: Há, em Joinville (SC), um edifício residencial com o formato de um castelo. Esse imóvel, pelo contraste que causou na paisagem urbana, recebeu diversas comunicações midiáticas, justamente pela enorme atenção e curiosidade que inflamou no cenário social. O “Castelo Coradelli”, o nome pelo qual é chamado, já foi abordado cientificamente no âmbito do imaginário, porque os relatos de seu proprietário permitiram averiguar a enorme relação da subjetividade humana com as ações materializadas. Desse modo, o objetivo deste artigo é complementar os estudos sobre essa construção por meio de análises de fontes que ditam sobre as ações do proprietário que anteciparam o seu levantamento. Nessa questão, boa parte dessas fontes estão presentes no acervo do Arquivo Histórico de Joinville. Além disso, a discussão será auxiliada por uma sintética revisão bibliográfica, no objetivo de fornecer coesão ao contexto da pesquisa. Por consequência, será observado como o Castelo Coradelli esteve imbricado em circunstâncias burocráticas e geográficas que contribuíram para o seu surgimento.

Palavras-chave: Castelo Coradelli; Joinville (SC); Arquivo Histórico de Joinville; Geografia e burocracia.

Abstract: There is, in Joinville (SC), a residential building in the shape of a castle. This property, due to the contrast it caused in the urban landscape, received several media communications, precisely because of the enormous attention and curiosity it ignited in the social scene. The “Castelo Coradelli”, the name by which it is called, has already been scientifically approached in the realm of the imaginary, because the reports of its owner have allowed us to ascertain the enormous relationship between human subjectivity and materializing actions. Thus, the aim of this article is to complement the studies on this construction through analysis of sources that dictate the actions of the owner that anticipated its survey. In this matter, most of these sources are present in the collection of the Historical Archive of Joinville. In addition, the discussion will be aided by a synthetic bibliographic review, in order to provide cohesion to the research context. Consequently, it will be observed how Coradelli Castle was intertwined with bureaucratic and geographical circumstances that contributed to its emergence.

Keywords: Coradelli Castle; Joinville (SC); Joinville’s Historical Archive; Geography and bureaucracy.

Introdução

Em 1996, foi iniciada, em Joinville/SC, a construção de um edifício chamado atualmente de “Castelo Coradelli”. Esse imóvel serve de residência ao proprietário Leonardo Coradelli e chamou muita atenção no cenário social por possuir a característica de um castelo. Por essas circunstâncias, o Castelo Coradelli foi alvo de dois documentários e várias redações jornalísticas, produzidos especialmente para destacar e comunicar a existência desse edifício no município que lhe diz respeito.

Tendo em vista as representações e a popularidade do Castelo Coradelli, foi criado o projeto de pesquisa intitulado “Castelo Coradelli: impactos, memórias e potencialidade patrimonial”, ratificado pela Coordenação de Pesquisa da Univille e veiculado ao grupo de pesquisa **Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural**. O objetivo dessa pesquisa foi discutir se o Castelo Coradelli é um potencial patrimônio cultural da cidade de Joinville.

No decurso da pesquisa, foram encontradas, no Arquivo Histórico de Joinville, onze fontes documentais relacionadas ao imóvel. Uma delas é uma redação do jornal A Notícia - Joinville e as outras dez são documentos sobre o desmembramento do terreno onde hoje se localiza o Castelo Coradelli. Com a surpresa de tais fontes, conheceram-se novas informações sobre a construção e a antecipação do proprietário para o levantamento do imóvel.

Desse modo, o objetivo desse artigo é comunicar uma parte dos resultados da pesquisa, nesse caso, as considerações que houveram a partir das análises das onze fontes mencionadas. A relevância se ancora em propagandear todos os vestígios adentrados na pesquisa e na colaboração de revisão bibliográfica, será apresentada uma parte da discussão e das reflexões que envolveram o projeto. Somado a isso, esse artigo também contém algumas das perguntas que compuseram o processo da pesquisa. Para mais, esse artigo não segue a cronologia das fontes. A lógica dissertativa será conhecer a primeira fonte jornalística sobre o castelo (que, no que toca à fontes em geral, não é a mais recente), perpassando pelo motivo fundante de sua edificação (o desejo de infância) e finalizando nas fontes que ditam sobre a preparação do terreno para o levantamento do edifício.

Diante disso, o recorte temporal inicia em 1982 (ano da compra do lote onde o edifício está assentado) e finda em 2016 (ano em que foi chamado, pela primeira vez em uma redação da web, de “Castelo Coradelli”). Pela discussão, serão contempladas as situações burocráticas para o levantamento do edifício e as consequências desse âmbito na questão geográfica.

Percurso pelas fontes: de 2004 à infância

A primeira redação jornalística sobre o Castelo Coradelli, ao menos no que diz respeito ao que foi encontrado na pesquisa, consta de 16 de janeiro de 2004, em que o jornal A Notícia - Joinville, sob o título “Casa é destaque na zona sul”, expôs quatro parágrafos sobre o castelo. Inicialmente, foram apresentadas algumas especificidades arquitetônicas e geográficas:

Um castelinho de 11 torres, com janelinhas de vidro verde, três andares, seis quartos, arcos ligando pilastras, passarelas flutuantes cobrindo uma bela piscina a céu aberto, área de lazer e banho de sol, todo pintado no mais puro branco poderia ser cenário dos mais antigos contos de fadas, se não estivesse em um bairro de Joinville, em pleno século 21. A casa fica na zona Sul do município, na rua Petrópolis. Nos seus 400 metros quadrados de área construída, há apenas um morador, o viúvo Leonardo Coradelli, 54 anos, massoterapeuta e idealizador do projeto.

Nessa questão, alguns adjetivos fantásticos e diminutivos teceram os comentários da redação, no objetivo de revelar, por escrito, os contrastes do imóvel ao que se concebe como edificação comum. Isso foi complementado pela primeira imagem à direita do parágrafo (vide Figura 1), na medida que o êxtase da narrativa jornalística é acentuado pela soma da escrita com a ilustração. Aliás, algumas das características físicas da construção podem ser averiguadas por essa última, como as paredes externas brancas, as vidraças verdes, os arcos, as torres e as passarelas, com suas cercas, vistas de baixo.

Figura 1 – Castelo Coradelli visto de baixo



Fonte: Luciano Andrade, A Notícia - Joinville/SC, 16/01/2004, Seção Geral, p. 12.

Logo em seguida, a redação comenta que foi há oito anos (1996) que a construção desse edifício foi iniciada. É dito que o proprietário o planejou e o construiu pelas suas próprias ideias, não projetando o seu castelo à base de desenhos e conceitos de terceiros. Isso resulta no pressuposto que o Castelo Coradelli é totalmente autoral no quesito estético. Não obstante, para se ter certeza dessa condição, é imprescindível uma árdua pesquisa sobre a aparência de castelos que existiram até 1996, o que, até o momento, não foi viabilizado.

Nesse contexto, as ideias para a edificação do castelo foram sendo gestadas gradualmente durante o próprio período de construção, de acordo com que o proprietário disse por meio da redação. Ademais, também foi dito que a mão de obra empregada para o levantamento do castelo foram três pessoas: Leonardo Coradelli e dois pedreiros.

Contudo, em uma redação da UOL de 2016, foi dito que ele recebeu ajuda de vizinhos (TORRES, 2016). Isso ocorreu antes ou depois da matéria do jornal A Notícia - Joinville? Se antes, seriam os dois vizinhos os pedreiros que colaboraram pela construção?

Essas perguntas podem auxiliar por respostas sobre o quanto de engajamento social o castelo teve em seus primórdios, antes de, inclusive, ter sua primeira comunicação midiática.

Além disso, essa publicação do A Notícia - Joinville é a fonte mais antiga sobre o edifício no século XXI. A fonte posterior mais próxima encontrada consta de 10 de junho de 2016, que é um documentário audiovisual produzido para ser exibido em rede de televisão aberta. Isso, no que concerne a pesquisa histórica, deixa um vácuo documental de aproximadamente 12 anos. Por consequência, criou-se as seguintes indagações: “Há vestígios não contemplados durante esse período? Se sim, onde estão presentes?”.

Houve tentativas de utilizar a metodologia da História Oral para desvendar, de modo mais substancial, as memórias de Leonardo Coradelli, que, além de poderem suprir esse vácuo, estenderiam a trajetória temporal antes de 1996 – a já mencionada data de início da construção do castelo. Todavia, durante o percurso da pesquisa, surgiram revezes que dificultaram a aplicação dessa metodologia científica.

Apesar disso, o documentário aludido apresentou sínteses memoriais sobre a gênese do almejo de Coradelli em edificar um castelo. O material foi elaborado pela RBS TV, atual NSC, exibido no Jornal do Almoço (2016) e indexado, na web, sob o título “Família vive num castelo em Joinville” (vide referências). Por meio dela, o proprietário disse que o desejo em ter um castelo remonta à sua infância, em que contemplava castelos de areia feitos em praia. Nesse assunto, essa informação é repetida em outras matérias jornalísticas sobre o edifício (PIZZAMIGLIO, 2016; BUBNIAK, 2016; TORRES, 2016; REDAÇÃO ND, 2021).

Sendo assim, observa-se que o documentário aborda um tópico não comunicado pelo A Notícia - Joinville. Levaram-se mais de 20 anos para que, em público, fossem divulgadas as razões subjetivas da existência do Castelo Coradelli. O imaginário do proprietário em sua infância serviu como propulsor de seu objetivo. Por essa razão, Furlanetto e Guedes (2021) empenharam-se em vincular o conceito de imaginário às memórias tornadas públicas de Leonardo Coradelli.

As conclusões foram as seguintes: Leonardo Coradelli se sentiu apartado do mundo em que vivia e desejou exteriorizar aquilo que correspondia à sua identidade. O terreno em que edificou a sua atual residência era, antes do início da construção, um mundo objetivo, isto é, um local em que nada o correspondia e que pudesse oferecer-lhe um ambiente de conforto (FURLANETTO; GUEDES, 2021). Nessas circunstâncias, emergiu um descontentamento de Coradelli ao seu derredor, assim como o desejo de transformá-lo.

No entanto, a identidade desse indivíduo não se conformava a edificações generalizadas, conforme o que foi exposto pelo A Notícia - Joinville (2004). A materialidade que lhe fez jus foi exatamente o castelo edificado, transposto de seu imaginário ao mencionado mundo objetivo, tornado, a partir da intervenção de Coradelli, em mundo subjetivo (FURLANETTO; GUEDES, 2021). Diante desse tópico, é importante mencionar que Furlanetto e Guedes (2021), para chegarem a essas premissas, se basearam no canadense Northrop Frye, teólogo e especialista em literatura. Ele foi um pesquisador canadense que se empenhou nos estudos sobre o imaginário.

Percurso pelas fontes: do desmembramento ao seu título

Apesar dessas considerações, Furlanetto e Guedes (2021) não dissertaram sobre as primeiras ações tomadas para a materialização do edifício. Por consequência, gera-se a seguinte problemática: “Quais foram as ações de Leonardo Coradelli perante o local almejado para a construção do castelo?”. Parcialmente se responderá a essa questão através de dez fontes documentais sobre o desmembramento do terreno onde o Castelo Coradelli está localizado.

Você conhece outras construções que apresentam uma arquitetura peculiar na cidade de Joinville?

Em 15 de julho de 1982, Leonardo Coradelli, por instância oficial, adquiriu um terreno de 1.370,68 metros quadrados. No mês de outubro desse mesmo ano, o acordo dessa aquisição é lavrado em cartório. Nessa época, Coradelli tinha entre 32 e 34 anos de idade. O terreno que ele conquistou, de acordo com o Registro Geral do lote (1982), tinha em seus domínios uma casa de madeira com o número “142”.

Chegado o ano de 1990, quando Coradelli tinha por volta de 40 e 42 anos de idade, o seu terreno recebeu uma planta de lote desenhado por meio do CREA-SC (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Santa Catarina). Nesse documento, há uma proposta de desmembramento de terreno, em que simulado, por ilustração, um terreno de 1.370,68 metros quadrados sendo desmembrado. Simulou-se apenas uma divisão, em que o lote desmembrado se desvinculou de 787,92 metros quadrados de terreno, na resultância de um terreno remanescente de 582,71 metros quadrados. Informa-se que a soma desses dois valores é igual a mencionada proporção original do terreno (1.370,68 metros quadrados), quando Coradelli o adquiriu em 1982.

No ano posterior, 1991, especificamente em 23 de maio, Coradelli vai à Secretaria de Planejamento e Coordenação da Prefeitura de Joinville para demandar uma Certidão de Desmembramento. O intuito era obter, no quesito oficial e burocrático, o reconhecimento e permissão do desmembramento desenhado na planta. No dia posterior (24/05/1991), o Setor de Desmembramento desta secretaria municipal atende a demanda de Coradelli e, desse modo, fornece a certidão. Ele tinha entre 41 e 43 anos de idade quando isso ocorreu.

Entretanto, quando um agente desse setor foi assinar a planta de lote feita pelo CREA-SC, foi mencionado um lote desmembrado de 797,97 metros quadrados, ao invés de 787,97 metros quadrados – como tinha sido proposto por Coradelli e desenhado por meio do CREA-SC. Isso acabou criando um conflito de informações entre essa instituição e o mencionado setor da secretaria municipal, além de, também, uma divergência de descrição dentro desse próprio setor de Joinville, porque, enquanto na planta foi descrito, por parte dessa instância, um desmembramento de 797,97 metros quadrados, na certidão consta-se que o terreno desmembrado tem 787,97 metros quadrados. Isso, talvez, tenha sido ocasionado por uma ausência de atenção na escrita, o que pode ter confundido a descrição dos valores.

Quase quatro anos depois, em 13 de janeiro de 1995, Leonardo Coradelli leva uma fotocópia da planta original do lote (a que foi produzida pelo CREA-SC) e do Certificado do Desmembramento à 3ª Circunscrição de Registro de Imóveis de Joinville, para que esse cartório, através de carimbo e assinatura, atestasse a veracidade da planta e do certificado. Ele utilizou essas duas cópias autenticadas para requisitar, em 15 de fevereiro de 1995 (mês posterior), o cancelamento do desmembramento de seu terreno. Ele fez isso por intermédio da Secretaria de Planejamento e Coordenação do município e teve a aprovação dessa requisição oito dias depois (23 de fevereiro de 1995).

O objetivo de Coradelli por detrás de tudo isso foi desmembrar o seu terreno com outros valores de metros quadrados, pois, antes mesmo de requisitar a revogação do desmembramento, o CREA-SC, em 20 de janeiro de 1995, entregou a ele uma nova planta de lote, possivelmente solicitada pelo próprio Coradelli. Nesse documento foi simulado um desmembramento de 803,46 metros quadrados, ao invés de 787,97 metros quadrados, valor este que esteve presente na primeira planta e no primeiro protocolo.

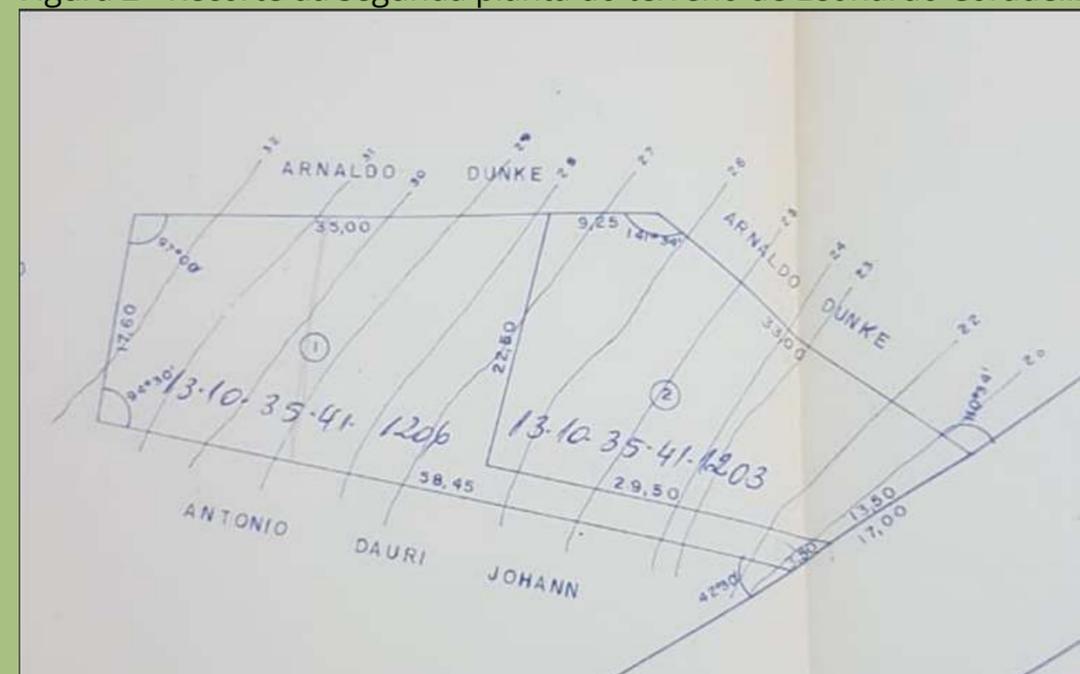
Em 27 de janeiro de 1995, Coradelli, tendo em mãos esse segunda planta, efetuou uma segunda requisição de desmembramento, para ratificar e oficializar o que foi desenhado e demandado nesta segunda planta. Ele entrega esse documento à Secretaria de Planejamento e Coordenação e pede por um segundo Certificado de Desmembramento, porém com os valores atualizados.

Em 03 de fevereiro de 1995, a requisição é aceita e, sendo assim, Leonardo Coradelli recebe o seu segundo certificado de desmembramento de terreno. Ele tinha entre 44 e 46 anos de idade em todas essas eventualidades.

Nessa época, possivelmente, ele já estava almejando iniciar a construção de seu castelo, pelo motivo de que, em 1996 – o ano posterior do segundo desmembramento –, ele já tinha começado o levantamento (PIZZAMIGLIO, 2016; BUBNIAK, 2016; REDAÇÃO ND, 2021; MINEL, 2021). Tendo em vista o local da construção, foi no terreno desmembrado – e não no terreno remanescente – que ele começou a edificar o castelo. Aliás, ele não demoliu a casa de madeira que havia no lote para dar início a construção, dado que, durante o percurso da edificação, o castelo foi levantado em torno dessa residência (TORRES, 2016).

Na figura 2, observa-se o terreno desmembrado e o terreno remanescente de Leonardo Coradelli. O terreno desmembrado (que tem 803,46 metros quadrados) está localizado na numeração “1”, enquanto o terreno remanescente está localizado na numeração “2”. Os dois lotes dentro desse terreno estão separados por linhas internas (que demarcam o desmembramento) e linhas externas (que demarcam as fronteiras de lotes de terceiros, além, é claro, da própria demarcação da rua).

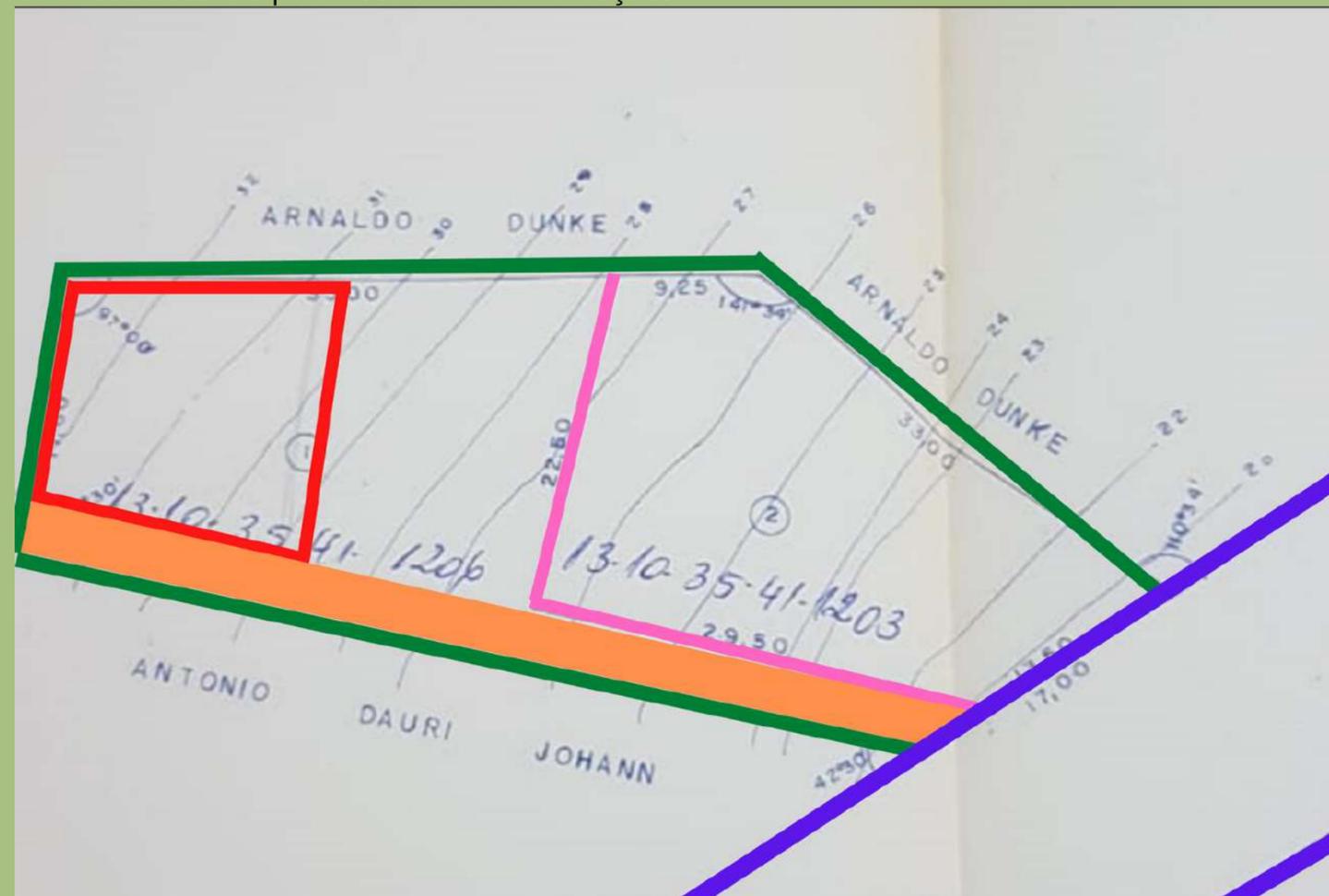
Figura 2 - Recorte da segunda planta do terreno de Leonardo Coradelli



Fonte: CREA-SC - Joinville. Leonardo Coradelli, desmembramento, 01/1995. Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 49/95

Na Figura 3, observa-se melhor, com as linhas coloridas, cada demarcação da planta

Figura 3 - O mesmo recorte da segunda planta do terreno de Leonardo Coradelli, porém linhas coloridas autorais para ilustrar as demarcações



Fonte: Alterações digitais, realizadas pelo autor, em uma planta de lote (2023)

As linhas vermelhas demarcam o assentamento do castelo. As linhas rosas demarcam os limites internos do terreno, que separam o terreno remanescente do terreno desmembrado. As linhas verdes demarcam os limites externos dos dois terrenos. As linhas roxas demarcam a Rua Petrópolis, nesse caso, via pública que dá acesso ao terreno de Leonardo Coradelli. Por fim, a espessa linha laranja demarca um caminho de chão feito dentro do próprio lote de Coradelli, para que fosse possibilitado acesso ao seu castelo e a residência que se encontra entre esse edifício e o terreno remanescente.

Abaixo, uma fotografia de satélite obtida no software Google Earth para retratar certas posições concretas de cada uma das demarcações:

Figura 4 - Imagem de satélite dos terrenos de Leonardo Coradelli



Fonte: print de tela (2023) de uma imagem do acervo interativo de fotografias, captadas por satélite, do Google Earth. Data da captação: 16/09/2012

Analisando a imagem acima, constata-se a existência de três construções imobiliárias nos terrenos. Para compor ainda mais o exercício das demarcações, será observado a ilustração abaixo, que é uma mescla parcial da Figura 3 com a Ilustração 4:

Figura 5 - Imagem de satélite dos terrenos de Leonardo Coradelli com demarcações digitais.



Fonte: Ilustração 4 exposta nesse artigo alterada digitalmente pelo autor (2023).

As cores das linhas correspondem às mesmas da Figura 3, mas optou-se em não inserir a linha de cor laranja na Figura 5, pois julgou-se que tal artifício poderia poluir a qualidade didática da imagem.

De mais a mais, Leonardo Coradelli, como já comentado, iniciou a obra em 1996. O contexto da cidade de Joinville era de recentes e novas manifestações socioculturais. De acordo com a historiadora Ilanil Coelho (2011), o cenário geral da cidade de Joinville estava sendo afetado pela imigração de novas etnias com suas respectivas facetas identitárias. Nessa situação, o Castelo Coradelli foi apenas um retalho das novas identidades que assumiam corpo dentro do território.

Para a materialização dessa identidade – que é a identidade imaginativa de um rei (FURLANETTO; GUEDES, 2021) –, Coradelli, obviamente, precisou de recursos físicos para fazer emergir no mundo objetivo o que passava em sua mente. Pelas paredes, pelas grades, pelas torres e pelos arcos ele utilizou cimento, saibro, areia e tijolos (TORRES, 2016). No que se refere às vidraças verdes, que também compõe a materialidade do castelo, não foram encontrados indícios da proveniência desse tipo de material. Além do mais, talvez já no século XXI, Coradelli utilizou tinta de cor ciano para pintar algumas partes do castelo, como o piso da piscina do imóvel (vide Figura 4).

Em 2004, o construtor previu que a finalização do imóvel ocorreria em 2006 (TORRES, 2016). Leonardo Coradelli demonstrou, contudo, ter mudado de posicionamento, em razão de que, em 2016, ele disse que a construção levaria mais dez anos de continuidade (PIZZAMIGLIO, 2016), 20 anos além do primeiro prazo estabelecido. Isso teria a justificativa de que ele ambicionou estender ainda mais a materialidade de seu castelo. Diante de todo esse contexto, e ainda no ano de 2016, o castelo atingiu o ápice de sua popularidade, porque, nesse período, o edifício recebeu dois documentários jornalísticos (o primeiro pela RBS TV e o segundo pela Record TV), quatro redações jornalísticas (PIZZAMIGLIO, 2016; BUBNIAK, 2016; TORRES, 2016; REDAÇÃO NSC, 2016) e duas matérias em blog (DUFAUR, 2016; DOOM, 2016). A publicação de Dufaur (2016) foi a primeira redação da web que abordou o termo “Castelo Coradelli”. Após isso, Doom (2016) e uma matéria da ND+ (2021) também chegaram a manusear esse título.

Considerações finais

Com a coleta de várias dessas fontes foi possibilitado, na perspectiva de que houve alterações em seu formato, sintetizar várias das configurações arquitetônicas mais atualizadas do edifício: 16 torres grandes, 31 torres pequenas, 21 arcos e 120 lâmpadas internas e/ou externas (FURLANETTO; GUEDES, 2022), além da própria piscina e os cômodos. Por isso, conclui-se que, em um período de doze anos, Leonardo Coradelli realizou vários acréscimos em sua propriedade. Isso confirma ainda mais a sua ambição em cima do edifício.

Assim sendo, consideráveis são os vestígios que demonstram os antecedentes da edificação do Castelo Coradelli e suas correlações com os impactos sociais ocasionados. As fontes sobre o desmembramento do lote contribuíram para testemunhar, mediante análise científica, do cerne econômico-burocrático que esteve envolvido no edifício. Não apenas isso, foi possível desvendar as implicações geográficas dessa construção.

O que foi dissertado neste artigo não está configurado como algo conclusivo e terminal sobre os tópicos abordados. Sendo uma pesquisa de Iniciação Científica, ainda há outras esferas para se pensar e pesquisar o Castelo Coradelli. Para a melhor confirmação das premissas, entende-se a emergência por uma pesquisa histórica dialogante com o campo da geografia ou por uma pesquisa científica que não esteja envolvida necessariamente com o campo da História, o que, no caso desta última, está fora do meu campo de formação acadêmica.

Acima de tudo, o objetivo foi comunicar o enorme registro documental da pesquisa – a maioria que foi catalogada – e pensá-lo à base de uma problemática criada durante o próprio percurso de pesquisa. Ora, a quantidade das fontes sobre o Castelo Coradelli não são integralmente satisfatórias, visto que, como já mencionado, há vácuos temporais para localizar o edifício em certas posições cronológicas.

Portanto, referente a problemática mencionada na Introdução, as ações que anteciparam o surgimento do Castelo Coradelli são densas e demasiadamente numéricas no sentido burocrático, mas intrigantes pelo caráter geográfico. Tendo Coradelli a infância como o motivo fundante de seu sonho, ele persistiu em diversos tipos de ação para transpor as suas faculdades subjetivas na concretude do mundo objetivo.

Referências

Bibliografias

- COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora da Univille, 2011.
- FURLANETTO, Gabriel Henrique de Oliveira; GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. Imaginário e materialidade: um estudo de caso do Castelo Coradelli. *In*: Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura, 12., 2021, evento online. **Anais eletrônicos** [...]. Joinville: Proler/Univille, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3Y4h9dO>>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- FURLANETTO, Gabriel Henrique de Oliveira; GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. Potencialidade patrimonial: problemática e estudo de caso. *In*: Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural, 5., 2021, congresso online. **Anais eletrônicos** [...]. Joinville: Maître Editora, 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3W9djOW>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Fontes documentais

- A NOTÍCIA - JOINVILLE/SC. Casa é destaque na zona sul: Construção em estilo de castelo tem 11 torres. Joinville, 16 jan. 2004, seção de assuntos gerais, p. 12. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, A Notícia, vol. 11 a 20 jan. 2004.
- BUBNIAK, Gabriela. Joinvilense constrói o próprio castelo para realizar sonho de infância. OCP News, [s.l.], 14 jun. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3HketDk>>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- CARTÓRIO DO REG. DE IMÓVEIS - 3ª CIRCUNSCRIÇÃO DE JOINVILLE. Registro Geral, matrícula N° 7.092, livro n° 2, ficha n° 1. 07 out. 1982. DESMEMBRAMENTO. Planta do terreno, Rua Petrópolis, Bairro Itaum. Proprietário: Leonardo Coradelli. Desenho concluído por meio da instituição CREA-SC, em 15 de out. de 1990. Escala: 1:500. Desenho: França. Levant.: Aristides. Zona de ocupação: Z3-O2. Visto: CREA-SC, 21 de maio de 1991 (sob o n° 67 02 17); Departamento de Planejamento Físico e Territorial, Secretaria de Planejamento e Coordenação, Governo do Município de Joinville, 24 de maio de 1991. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 349/91.

DESMEMBRAMENTO. Proprietário: Leonardo Coradelli. Desenho concluído por meio da instituição CREA-SC, em jan. de 1995. Escala: 1/500. Lev. Figueiredo. Visto: CREA-SC, 20 de jan. de 1995 (sob o nº 11 06 171); Divisão de Controle Urbanístico, Secretaria de Planejamento e Coordenação, Prefeitura Municipal de Joinville, 03 de fev. de 1995. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 049/95.

DOOM, Fabio. Em 20 anos e com pouco dinheiro, brasileiro construiu seu próprio castelo. **Blog da Arquitetura**, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/3wYyw3V>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

DUFAUR, Luis. Castelos: sonhos do Céu que antecipam a bem-aventurança eterna. **Castelos medievais**, 2016. Disponível em: <<https://castelosmedievais.blogspot.com/2016/08/castelos-sonhos-do-ceu-que-antecipam.html>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

FAMÍLIA vive em um castelo em Joinville. Imagens de Heverton Ferri. Produção do Jornal do Almoço. [s.l.]: RBS TV, 2016. 1 vídeo (06 min.), son., color. Disponível em: <<https://bit.ly/3Fg0Z8P>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FOTOCÓPIA. Desmembramento. Planta do terreno, Rua Petrópolis, Bairro Itaum. Proprietário: Leonardo Coradelli. Desenho concluído por meio da instituição CREA-SC, em 15 de out. de 1990. Escala: 1:500. Desenho: França. Levant.: Aristides. Zona de ocupação: Z3-O2. Visto: CREA-SC, 21 de maio de 1991 (sob o nº 67 02 17); Departamento de Planejamento Físico e Territorial, Secretaria de Planejamento e Coordenação, Governo do Município de Joinville, 24 de maio de 1991. Certificação de veracidade: 3ª Circunscrição de Registro de Imóveis de Joinville, 13 de fev. de 1995. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 075/95.

FOTOCÓPIA. Governo do Município de Joinville. Secretaria de Planejamento e Coordenação, Setor de Desmembramento. Certidão de Desmembramento de Terreno, sob o protocolo nº 20.911, de 23 de maio de 1991. Joinville, 24 de maio de 1991. Certificação de veracidade: 3ª Circunscrição de Registro de Imóveis de Joinville, 13 de fev. de 1995. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 075/95.

GOVERNO DO MUNICÍPIO DE JOINVILLE. Secretaria de Planejamento e Coordenação, Setor de Desmembramento. Certidão de Desmembramento, sob o protocolo nº 20.911, de 23 de maio de 1991. Joinville, 24 de maio de 1991. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 349/91.

MINEL, Gabriel. Conheça cinco castelos incríveis que você pode visitar em Santa Catarina. **OCP News**, [s.l.], 04 ago. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3h8mYXy>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MORADOR de Joinville (SC) constrói castelo após 20 anos de dedicação. Imagens de Márcio Ramos e Cristian Ferreira. Apresentação de André Rohde. Produção do Fala Brasil. [s.l.]: Record TV, 2016. 1 vídeo (5 min.), son., color. Disponível em: <<https://bit.ly/3hjl06r>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PIZZAMIGLIO, Kleber. Homem constrói há 20 anos o próprio castelo em Joinville: 'Me sinto um rei'. **G1 SC**, [s.l.], 11 jun. 2016. Disponível em: <<http://glo.bo/1ZGsWdj>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Secretaria de Planejamento e Coordenação. Protocolo de requerimento, nº 20.911. Requerente: Leonardo Coradelli. Requisição: Certidão de Desmembramento. Endereço do lote: Petrópolis, 142. Requisição deferida em 23 de maio de 1991, Joinville. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 349/91.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Secretaria de Planejamento e Coordenação, Divisão de Controle Urbanístico, Setor de Desmembramento. Certidão para o Cancelamento de Desmembramento, sob o protocolo nº 4.054, de 15 fev. de 1995. Joinville, 23 de fev. de 1995. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 075/95.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Secretaria de Planejamento e Coordenação. Protocolo de requerimento, nº 4.054. Requerente: Leonardo Coradelli. Requisição: Certidão para o Cancelamento de Desmembramento. Endereço do lote: Petrópolis, 142 - Itaum. Requisição deferida em 15 de fev. de 1995. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 075/95.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Secretaria de Planejamento e Coordenação, Divisão de Controle Urbanístico, Setor de Desmembramento. Certidão de Desmembramento, sob o protocolo nº 1.815, de 27 de jan. de 1995. Joinville, 03 de fev. de 1995. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 049/95.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Secretaria de Planejamento e Coordenação. Protocolo de requerimento, nº 1.815. Requerente: Leonardo Coradelli. Requisição: Certidão de Desmembramento. Endereço do lote: Rua Petrópolis - Itaum. Requisição deferida em: 24 de jan. de 1995. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville, Leonardo Coradelli, 049/95.

REDAÇÃO ND. FOTOS: você conhece a história por trás do castelo de Joinville?. **ND+**, Joinville, 15 mar. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3Pv1mRX>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

REDAÇÃO NSC. Castelo de morador de Joinville é destaque nas redes sociais: Residência de Leonardo Coradelli chama atenção na zona Sul da cidade. **NSC Total**, [s.l.], 26 jun. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZHRQW2>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TORRES, Aline. Com pouco dinheiro, morador de Joinville constrói, em 20 anos, seu castelo. **UOL NOTÍCIAS**, Florianópolis, 26 jun. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3phb9hw>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Esse artigo nos provoca pensar a cidade, além das construções protegidas culturalmente. Afinal, o que é patrimônio cultural?

Atendimentos do AHJ

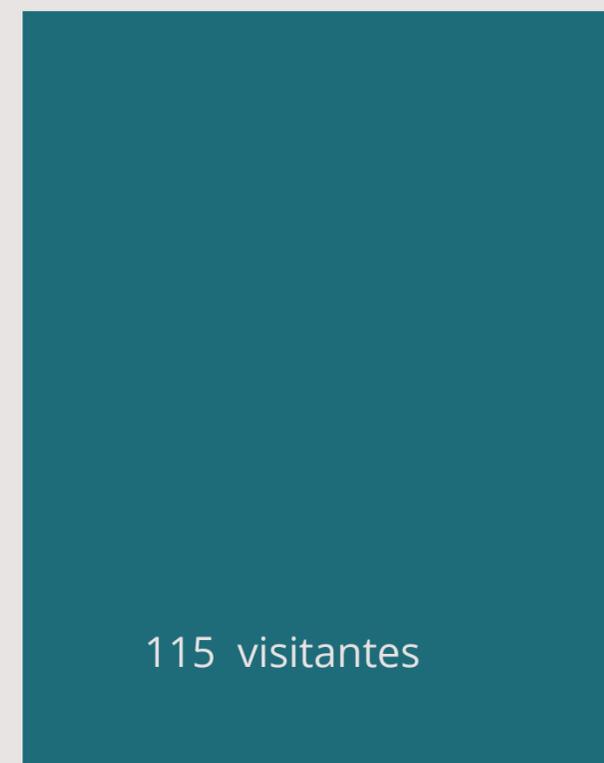
Atendimento ao pesquisador



Atendimento escolar



Visitas à exposição



Visitas guiadas ao acervo



Educação Patrimonial



Educação Patrimonial

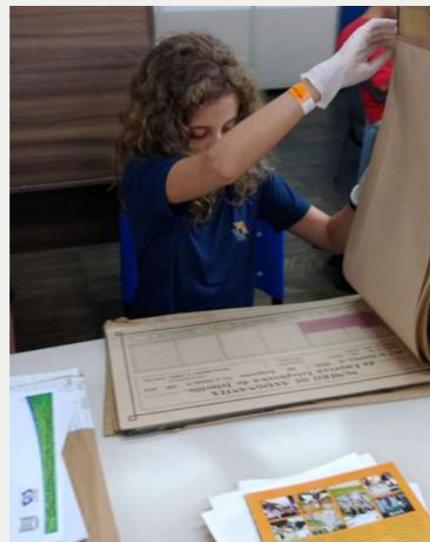


Atendimento do Colégio Bom Jesus, Bonja, dia 21 de março de 2023, realizado pela especialista cultural Giane Maria de Souza e assistente cultural Fernand Pirog Oçoski



Fonte: Giane Maria de Souza e Fernanda Pirog Oçoski

Educação Patrimonial



Atendimento do Coree International School, dia 21 de março de 2023, período matutino, realizado pela especialista cultural Giane Maria de Souza e assistente cultural Fernanda Pirog Oçoski.

Fonte: Giane Maria de Souza e Fernanda Pirog Oçoski

Educação Patrimonial



Parabens pelos 51 anos do arquivo histórico. Eu adorei vir aqui



Alunos do Coree International School e do Colégio Bom Jesus registram mensagens para o aniversário do AHJ de 51 anos, ocorrido em 20 de março de 2021.

Feliz Aniversário!
Que seja um dia cheio de memórias históricas.



ADOREI!!!
muito interessante e conteúdo
Você são incrível!!!



ADOREI!!!
muito interessante e conteúdo
Você são incrível!!!

ADOREI!!!
muito interessante e conteúdo
Você são incrível!!!

51 anos
Feliz Aniversário!
Que seja um dia cheio de memórias históricas.

Feliz aniversário!
ARQUIVO HISTÓRICO
Muito atenciosas
obrigada -
51 ANOS

Obrigada por nos receber!
O arquivo é muito importante para relembrar o passado!
Luana Nonatti Donat 11 anos (21103123)

Feliz aniversário de 51 anos!
-Você é muito importante.
Alice Roman Barbosa - 10 anos.

Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ



Joinville. Graf Zeppelin.

ECOS DE DEMOCRATIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS VOZES DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DO REGIME MILITAR EM JOINVILLE

Izaias de Souza Freire [1]

RESUMO

O estudo aborda a temática da democratização sob o eixo capital-trabalho em Joinville entre os anos de 1975 a 1995 e tem como objetivo entender aspectos de como esta, sob o epíteto da “cidade industrial”, mostrou-se ao longo desse processo, lidando com as discontinuidades e permanências de uma cultura política autoritária. O primeiro capítulo problematiza o acontecimento da vinda de Ernesto Geisel a cidade no dia 1º de maio de 1975 e procura discutir suas aproximações com o regime de 1964. O capítulo dois faz uma abordagem das tensões entre elementos de democratização introduzidos no mundo do trabalho fabril e as reações advindas do embate pela transformação da cultura política. A pesquisa apoiou-se em fontes impressas, sobretudo jornais, e em fontes orais.

Palavras-chave: Democratização. Regime Militar. Cultura Política. Cidade industrial. Trabalho.

Disponível em:

http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2025/izaias_de_souza_freire.pdf

[1] professor de história

Memória do Boletim



Porto Joinville

Carta publicada e assinada pelos passageiros do navio de imigrantes “Viktória”, em protesto às péssimas acomodações e alimentação a bordo, em viagem que custou a vida de 51 pessoas

Maria Thereza Böbel [1]

COLÔNIA DONA FRANCISCA: os passageiros do navio “Viktória” entregaram ao Vice-Consulado prussiano local, para que fosse encaminhado à presidência da federação norte-alemã, a seguinte nota de repúdio:

À Presidência da Federação Norte-Alemã em Berlim

Cerca de 250 pessoas, das mais variadas regiões da Alemanha, firmaram, em outubro, um contrato com a agência de emigração Donati e Cia., em Hamburgo, sobre a viagem marítima para Blumenau e Dona Francisca, sendo que a todos foi expressamente assegurado que, durante a viagem, a alimentação a ser servida aos passageiros seria sempre boa e suficiente, e preparada de maneira que pudesse ser saboreada. Dois dias antes da partida do navio, todos os passageiros tiveram que se submeter a um exame médico, mediante o pagamento de 2 schillings.

Já aqui tivemos que fazer a triste constatação que este exame não passava de simples formalidade, com fins meramente especulativos, pois quase nenhum passageiro foi examinado com algum cuidado maior. Todos foram, sem que o médico ao menos os olhasse, interpelados superficialmente sobre seu estado de saúde, e a cada resposta afirmativa, recebia o contrato de viagem, rapidamente, o carimbo do médico, considerando o passageiro apto para a viagem. Apenas em único caso, o médico quis negar a permissão para a viagem, à criança de um emigrante, ainda bastante abatida por uma febre nervosa. Mas bastou que o administrador de Donati fizesse um leve sinal, expediente aliás já usado com bastante frequência em casos semelhantes, para que também esta criança, visivelmente doente fosse considerada em condições de viajar. A criança, como era de esperar, veio a falecer durante a viagem, após longo sofrimento.

[1] Foi tradutora coordenadora do AHJ.

No dia 19 de outubro fomos todos embarcados no navio “Viktória”, de pouco mais de 400 toneladas [2], pertencente ao armador Sloman de Hamburgo e comandado pelo capitão Fendt, e ali, na verdadeira expressão da palavra, tão abertamente amealhados na entrecoberta e camarotes de segunda classe, que muitos se viram obrigados, por absoluta falta de espaço, a armar sua cama no convés, apesar do vento e mau tempo. A passageiros que tinham pago taxa extra pelos camarotes de segunda classe foram acrescentados, sem nenhuma consideração, tantos passageiros da entrecoberta, que também estes espaços ficaram insuportavelmente lotados.

Também os passageiros da primeira classe foram obrigados a alojar passageiros da segunda classe ou entrecoberta em seus camarotes; isto ocorreu arbitrariamente, causando a todos o mais absoluto desconforto, com restrições nocivas à saúde. Todo espaço, por menor que fosse, estava tão abarrotado de gente, que não sobrou nenhum lugar onde ao menos as senhoras e moças pudessem trocar de roupa sem se expor aos olhares profanos, como manda a moral.

[2] Na página aparece outro número de toneladas.

Dois apartamentos foram colocados à disposição, para 250 pessoas, com exceção de três passageiros da primeira classe, destes dois apartamentos, um deles não tinha porta e portanto não podia ser usado por quem ainda não havia descido moralmente de todo. É evidente que, nestas condições, desapareceu toda e qualquer centelha de moralidade, para desmoralização do Sr. Donati e seus cúmplices. Mesmo os mais educados sentiram morrer em si quaisquer sentimentos de moral e bons costumes, tais as expressões e atos, frívolos e à zombaria da moral, que foram obrigados a ouvir e assistir.

No que se refere às refeições que nos foram servidas, eram, durante os primeiros oito dias, bem preparadas e saborosas, e com provisões frescas; passados estes dias, no entanto, recebemos durante o resto da viagem, refeições preparadas com provisões que sobraram certamente de outra viagem de imigrantes: eram tão ruins e intragáveis, que só mesmo muita fome podia obrigar alguém a prová-las e foi até impossível convencer o cão do timoneiro a comer daquela comida. A carne era-nos servida com mau-cheiro, e tão pouco cozida pelo cozinheiro de bordo, que era impossível comê-la devido ao cheiro nauseabundo e rigidez intragáveis. Os legumes eram igualmente mal cozidos e se destacavam todos por um cheiro esquisito e repugnante e aspecto asqueroso.

Os arenques eram na maioria das vezes, tão gordurentos ou apodrecidos que, como os que a polícia sanitária na Alemanha proíbe rigorosamente que sejam comercializados. A água tinha sempre um gosto forte de querosene ou carvão e só com grande esforço era possível beber dela; a causa talvez fosse porque todo o porão do navio, onde estavam os tonéis de água, estava carregado com carvão de pedra que seria vendido no Brasil e muitas vezes pedaços de carvão caíam dentro dos tonéis abertos; além do mais, o ácido carbônico oriundo do carvão com certeza prejudicou a saúde dos passageiros alojados na entrecoberta. A manteiga servida tinha, desde o início, um cheiro e gosto tão acre e fétido, que era praticamente intragável, obrigando todos a comprarem o sebo que o cozinheiro escumava da carne-seca mal-cheirosa, e que apesar do gosto ruim era considerado iguaria em comparação à manteiga.

O café, pela manhã e o chá, à noite eram servidos sem açúcar e costumavam ser tão ruins que a maioria dos passageiros não conseguia bebê-los, pois sua ingestão provocava invariavelmente mal-estar, e foi só graças à admirável boa-vontade do Capitão Fendt que conseguimos obter sopas de trigo em substituição destas bebidas. É notório que Donati, com cuidado quase temeroso, tenha evitado cientificar os passageiros quanto aos seus direitos a respeito das diárias, e que na chegada em Hamburgo tenha exigido de todos os passageiros a entrega de todo e qualquer escrito que fizesse a menor alusão acerca disso.

Em virtude da falta de responsabilidade, consciência e da frouxidão do médico por ocasião do exame dos imigrantes, foi trazido para bordo o germe de uma doença certamente já instalado no organismo de muitos passageiros, germe este que se desenvolveu e propagou rapidamente, resultado da superlotação das dependências do navio e conseqüente poluição do ar, combinadas com a ingestão de alimentos e bebidas estragados. A prova é que, após 14 dias de viagem, apresentou-se nas crianças uma diarréia pertinaz, acompanhada em pouco tempo por vômitos e convulsões do corpo e extremidades, e que levava invariavelmente à morte.

Esta doença que se transformou visivelmente em violenta cólera, passou a fazer suas vítimas sem distinção, e tanto adultos como crianças morriam em geral após 5 ou 12 horas. Sem nenhuma ajuda médica e podendo contar apenas com os poucos remédios de bordo, ministrados certamente erroneamente por mãos leigas, passou a doença com rapidez cada vez maior entre os passageiros, fazendo às vezes de uma a quatro vítimas diariamente, e custando, em menos de 5 semanas, a vida de mais de 50 pessoas. Quase todos sofreram ataques mais ou menos violentos e quase nenhuma família foi poupada de um caso fatal. Especialmente atingidas foram as famílias do caldeireiro Schenkel, de Grüna na Saxônia, e do segeiro Ewald, de Alt-Lewin perto de Wrietzen às margens do Oder, sendo que a primeira perdeu 7 de seus filhos e a mãe, e a última o pai e 2 filhos, apesar dos esforços que os passageiros e principalmente o capitão Fendt, cuja atitude nestes dias e principalmente durante todo o tempo queremos elogiar e agradecer, fizeram para conter a doença.

Quase nada, ou pelo menos muito amenamente fez-se sentir a doença naqueles que se proveram em casa com tal quantidade de pão torrado e outros gêneros alimentícios, que mal provaram a comida de bordo – uma prova que as causas principais para a propagação da doença foram a comida estragada e ar poluído. Por isto não é de admirar que nestas condições o desespero tomasse conta dos passageiros, transformando-se depois em estarrecedora indiferença, de modo que cada pessoa assistia, com a maior frieza, a morte do próximo, esperando com certeza ter destino igual, em breve.

Nós expusemos acima, à mui digna Presidência da Federação, fielmente, todos os fatos de uma situação com conseqüências extremamente tristes para nós e acreditamos ter demonstrado que muitos dos nossos foram assassinados pela cobiça mesquinha do despachante Donati & Cia., que nos encaminhou, e pelo acima exposto pedimos, humildemente, em defesa da humanidade, que:

Seja totalmente cancelada a concessão do despachante Donati & Cia. para o despacho de emigrantes, transferindo-o a outra entidade, contenciosa, assim como que sejam punidos todos os responsáveis pela nossa desgraça.

Colônia Dona Francisca, Província de Santa Catarina, no Brasil,
aos 26 de dezembro de 1867.

Os passageiros do VIKTÓRIA

A. Zimiez, de Biala na Galícia. A. Zimmermann, de Berleim. C. Ottilie, de Lauenburg. Julius Kröhne, de Bierkenwerder em Oranienburg. Augusto Böttcher, de Chemitz. Heinrich Prüsse, de Warberg. Lous Jucksch, de Hamburgo. Adolpf Bischoff, de Zöblitz, no Reino da Saxônia. Pius Herbrich, de Rumburg na Boêmia. Friedrich Nagel, de Berlin. Gustay Hillebrand, de Hamburgo. Ernst Krause, de Baumgarten, perto de Bolkenhain, Silésia. Adolph Brötner, de Gerega no Grão Ducado de Weimar. Julius Scheidemantel, de Leipzig na Saxônia. August Arnold, de Grüna na Saxônia. Kal Heinrich Teichmann, de Mittweira na Saxônia. Jonas Roeder, de Hähnstädt na Bavária. Ed. Eschenbach, de Roskow na Pomerânia. W. C. Müller, de Helmstedt em Braunschweig. Tottlieb Schaldach, de Reinfeld perto de Danzig. Truagott Londner, de Grüna na Saxônia. Albert Stein, de Greifswald. Christian Gotthardt Frech, de Weissbach. Albert Kleeberg, de Flensburg. Friedrich Ahrens, de Wolgast. Friedrich Reinhold, de Grüna perto de Chemnitz na Saxônia. August Görner, de Möschnitz, perto de Schleitz. Karl Gielow, de Zanow perto de Köslin. Família Ewald, de Alt-Lewin. H. Selke, de Zanow perto de Köslin. Martin Rössner, de Volkach s/ Meno na Bavária. Hermann König de Lobenstein. Karl Lenz, de Friedrichsdorf perto de Falkenburg. Karl Wolf, de Friedrichsdorf perto de Falkenburg. Paul Hermann, de Lübeck. Bruno Hochheim, de Zwenkau na Saxônia. Eduard Goldacker, de Helmstedt. Geisler, de Rheinfeld perto de Danzig. Johann Hempe, de Malnschützt na Silésia. Gottlieb Dallmann, de Wilmizt Regenswalde na Pomerânia. Heinrich Marquardt, de Hamburgo. Karl Schenkel, de Grüna na Saxônia. Christian Weidhaas, de Krispendorf perto de Schleitz. Christian Schmelzer, de Weisbach perto de Leutenberg. Helke de Zanow perto de Köslin. Ludwig Scholz, de Rachow na Pomerânia. Karl Pape, de Friedrichsdorf perto de Falkenburg. Oskar Pfau, de Altenburg. Max Hermann, de Zitz na Prússia. Richard Keunecke, de Lunzen, província de Hannover. Ernst Noak, de Gouch perto de Botterfeld. Gottlieb Franz, de Rinenau perto de Zeblitz. Karl Hanf, de Rinenau perto de Zeblitz. Johann Rössner, da cidade Volkach s/ Meno na Bavária. Ludwig Zeplin, de Bauer perto de Lassan. Johann Glöden, de Hohensee na Pomerânia. Johann Mengo, de Bauer na Pomerânia. Wilhelm Buneze, de Falkenburg em Altmark. Karl Ladewig, de Ritthausen em Altmark. V. Schendel de Fierstenwalde. Karl Kalbunde, de Rako perto de Tempelburg na Pomerânia.

Noticiamos todos os sofrimentos dos passageiros do “Viktoría”, tão duramente atingidos, sem no entanto julgar e condenar os despachantes do navio, já que é preciso dar aos mesmos a oportunidade de se defenderem. No entanto, os debates oficialmente instaurados a respeito revelaram os seguintes fatos: o navio “Viktória”, uma barca de 158 toneladas hamburguesas, tinha, quando deixou o porto de Hamburgo, além da tripulação, 262 pessoas a bordo, das quais 185 pessoas acima de 10 anos, 65 pessoas de 1 a 10 anos e 12 pessoas abaixo de 1 ano de idade, o que segundo as leis hamburguesas perfaz um total de 218 passageiros. No dia 22 de outubro, partia o navio e já dia 29, quando passava o canal, com tempo nublado e chuvoso, ocorria o primeiro caso de morte a bordo, morria uma criança de peito, de mais ou menos 2 meses. No dia 5 de novembro, morria uma menina de 4 anos, que teve diarreia. A 10 de novembro, o terceiro caso fatal, apresentando pela primeira vez os sintomas que caracterizam a cólera. Daquele dia em diante aconteciam diariamente nove mortes e em pouco tempo morreram 40 pessoas (21 abaixo de 10 anos, 19 acima de 10 anos de idade) vitimadas pela mesma doença que os 4 médicos presentes durante as investigações realizadas no navio, segundo as descrições feitas, diagnosticaram unanimemente como sendo a cólera, mesmo que não em sua pior forma.

Esta doença apresentou-se, segundo declarações uníssonas, de maneira intermitente: cada vez que piorava o tempo e em consequência se fechavam as escotilhas, ocorriam repentinamente casos agudos, geralmente fatais em poucas horas; pelo contrário, quando o tempo, melhorando, oferecia condições para que os passageiros permanecessem no convés, diminuíram os casos da doença.

Ao todo, ocorreram 51 casos fatais, dos quais um em outubro, 48 em novembro e 2 no início de dezembro: 40 sem dúvida em consequência da cólera, 11 em virtude de outras doenças. A doença da cólera, segundo a opinião dos médicos, não foi trazida da terra para o navio, mas desenvolveu-se a bordo do mesmo. Como asseguraram, quase sem exceção, os passageiros da entrecoberta e da segunda classe, os alimentos servidos, cuja qualidade já deixava muito a desejar, eram mal preparados, sempre semi-crus, principalmente carne, legumes e verduras, sendo estas declarações confirmadas pelo capitão, que também informou que os alimentos não amoleciam quando cozidos na água proveniente de tonéis novos. A água para consumo, armazenada nos tonéis do navio, foi examinada e aprovada pelos médicos que a consideraram de sabor ruim, mas não de todo imprestável. Vinho, açúcar e sagu, dos quais, segundo prescrição legal, cada navio de imigrantes devia ter provisão suficiente para crianças e enfermos, não foram fornecidos, somente em alguns casos e depois de insistentes pedidos o capitão cedeu pequenas porções dos mesmos, assegurando sempre que eram de suas provisões particulares, já que não dispunha de tais alimentos.

Para usos das 258 pessoas, (215 passageiros) da entrecoberta e segunda classe, havia apenas duas latrinas com um assento cada, enquanto que, segundo as leis hamburguesas, deveria haver pelo menos 5.

O Capitão designou como quarto de hospital, um pequeno quarto, com 4 camas para 2 pessoas, ao lado do camarote, mas nenhum único doente foi ali instalado.

Não foi possível conseguir a bordo do navio uma cópia do contrato de passageiros; declararam estes que o contrato lhes fora tomado pelo despachante do navio antes da partida, apesar de muitos o terem entregue a contragosto. Estes são os fatos que serão levados para julgamento das autoridades competentes.

No dia 27 de dezembro, à tarde, desembarcaram os passageiros destinados para cá, é verdade que em 11 a menos, mas de resto chegaram bem, sendo recepcionados da melhor maneira possível. Aos recém-chegados foram concedidos 6 dias livres de despesas, em lugar da costumeira hospedagem grátis de 4 dias, na hospedaria Ravache. Das 94 pessoas embarcadas com destino a Dona Francisca (69 prussianos, 20 saxões, 2 hamburgueses e 3 suíços) morreram 11 pessoas a bordo, isto é: 5 adultos, 3 crianças de 1 a 10 anos de idade e 3 crianças de peito, além de uma criança nascida a bordo.

No dia 30 de dezembro, depois de inúmeras dificuldades, chegava também a bagagem dos passageiros, de maneira que no dia 31 o navio pode seguir viagem para o Itajahy, levando os imigrantes destinados a Blumenau.

A linha do telégrafo de São Francisco para Desterro, que devia dar notícias da desgraça do navio ao Presidente da Província e transmitir suas ordens quanto às medidas a tomar, esteve desativado todo o tempo em virtude de defeito.

Obs. Publicado no “Kolonie-Zeitung”, vol. 6, nº 7, de 04/01.1.868.

Fonte: BÖBEL, Maria Thereza. Tradução da Carta publicada e assinada pelos passageiros do navio de imigrantes “Viktória”, em protesto às péssimas acomodações e alimentação à bordo, em viagem que custou a vida de 51 pessoas. In: **Boletim do Arquivo Histórico de Joinville**. PMJ/FCJ. Joinville/SC: AHJ. Jlle. vol.4, n. 3, jun. 1987.

Para refletir!

Por que as condições à bordo do navio Vicktória eram ruins?
Existiu alguma desigualdade social relatada pelos viajantes?
Como possivelmente se dá as viagens dos imigrantes contemporâneos que necessitam se refugiar ou emigrar para outros países?

Por dentro do Acervo

Tradução

Das Ziel des Bürgerkrieges in Nordamerika
texto original publicado no Kolonie Zeitung,
em 28 de Janeiro de 1865

Das Ziel des Bürgerkrieges in Nordamerika.

Die Annalen der Menschheit haben wol schwerlich blutigere und großartigere Seiten aufzuweisen, als die, welche jetzt der Bürgerkrieg in Nordamerika schreibt. Vor fast vier Jahren begann dieser Kampf, und eine Million Menschen wurden schon geopfert, die Einen sagen: Der Barbarei und dem Ehrgeize, die Andern sagen, und wir mit ihnen: Der Bildung und dem Fortschritte. Es ist die ewige Bluttaupe, welche die Menschheit braucht, um zur Wahrheit vorzudringen.

Der nordamerikanische Bürgerkrieg ist ein Zweikampf auf Tod und Leben zwischen zwei Principien. Die Beute, welche die zwei Kämpfer sich streitig machen, heißt die Sklaverei. Die Einen wollen sie vernichten, die Andern wollen sie aufrecht erhalten und ausbreiten. Es ist ein Kampf des Lichts gegen die Finsterniß, der Freiheit und des Fortschritts gegen die Knechtschaft und die Verdummung; die ganze Menschheit ist dabei interessiert.

Was der Süden will und was der Norden will, ist heute klar. Die Frage, ob die nordamerikanische Constitution erlaubt, daß einige Staaten aus der Union ausscheiden können, ist nur die formelle Seite des Kampfes.

Der Süden will die Knechtschaft der Leiber und der Geister, und einige Belege werden dies beweisen.

Einer der bedeutendsten Männer des Südens, Sargent von Philadelphia, hat soeben ein Buch veröffentlicht, worin wörtlich zu lesen ist: Alle bedeutenden Männer des Südens, einschließlich der Bischöfe der Episcopalkirche und der andern Glieder der Geistlichkeit, haben sich dahin ausgesprochen, daß das Fundament, der Eckstein der neuen Regierung, die große Wahrheit ist: „Der Neger ist nicht gleich dem Weißen und in der Sklaverei findet der Süden den Grund seiner Existenz als Nation.“ — Ein presbyterianischer Geistlicher, Palmer, predigte in New-Orleans also: „In diesem großen Streite vertheidigen wir die Sache Gottes und der Religion. Der abolitionistische Geist, ist der Geist der Gottlosigkeit. Unsere Sendung ist auszuharren, der Nachwelt unser System der Sklaverei zu überliefern und für dasselbe das Recht der Verbreitung zu erringen, es überall einzupflanzen, wo Natur und Vorsehung ihm erlauben werden, sich zu entwickeln. Wir sind von Gott zu Vertheidigern der Sklaverei erwählt, nur ihre Entwicklung kann uns befriedigen.“ Alle Bischöfe der Kirche des Südens sagen in einem Hirtenbrieife an die Gläubigen: „Wir erklären, daß die Kirche des Südens einmütig für die Sklaverei ist. An uns ist es, das System, worauf wir unser nationales Leben fest begründen wollen, von allem Nichtchristlichen zu befreien. Bis jetzt können wir es wegen des Druckes, den der Abolitionismus (das Princip der Abschaffung der Sklaverei) ausübt, noch nicht thun, aber sowie wir uns von dieser hassenstößigen und gottlosen Pest befreit haben, müssen wir der Welt beweisen, daß wir unserer Sendung würdig sind. Der Abolitionismus ist nach unserer Meinung ein Hinderniß gegen die Pläne Gottes, er trägt nicht den Stempel der Gnade des Herrn an sich. Er ist ein Fanatismus, der keine gesegneten Früchte

bränken, hieße die Autorität der heiligen Schrift abschwächen. Die Sklaverei ist nothwendig, mögen die Sklaven schwarz oder weiß sein.“ Der Richmond Enquirer, Hauptorgan des Südens entwickelt diesen Satz weiter und fügt hinzu: „Wir behaupten daß die Sklaverei der Weißen wie der Neger gerecht, natürlich und nothwendig ist. Die Devise: Freiheit, Gleichheit und Brüderlichkeit erzeugen wir durch: Unterwürfigkeit, Sklaverei, Regierung. Diese Grundzüge sind unser Leben, und wir glauben, daß unser Nation von Gott berufen ist, um der Welt diese großen Wahrheiten zu lehren.“ Der Southside Demokrat, Hauptblatt von Virginia, ist noch klarer: „Wir hassen, sagt er, alles was frei heißt vom freien Neger an hassen wir Alles, was ihm folgt: freie Cultur, freie Arbeit, freie Gesellschaft, freien Willen, freien Gedanken, freie Schule.“ Diese Belege werden genügen, um den Gedanken zu beweisen, für den der Süden kämpft und den der Norden bekämpft. Es wäre ein Unglück für die ganze Menschheit, wenn der Süden siegte.

Zum Glück hat das vergangene Jahr die Sache des Nordens dem Triumphe nahe gebracht, und die stärkste Garantie dafür ist die Wiedererwählung Abraham Lincolns zum Präsidenten der großen Republik. Die Wahl des ersten Staatsbeamten, welcher unter den schwierigsten Verhältnissen, in denen sich je ein Volk befunden hat, vor sich ging, und in welcher zwei große Parteien um den Sieg rangen, geschah mit solcher Ruhe, daß kein einziger Tumult, keine einzige Gewaltthatigkeit die Bürger bei Ausübung ihres wichtigsten Rechtes störte; geschah so einmütig, daß, selbst wenn die Südstaaten mitgestimmt haben würden, doch Lincoln mit großer Majorität aus der Wahlurne hervorgegangen sei würde. Es zeigt dies, daß der Norden weit entfernt, durch einen Kampf ohne Gleichen geschwächt zu sein, stark und von dem auf die Nation sich befehlenden, die Union wieder herzustellen, und daß die Nation sich dessen, worum es sich bei dem gegenwärtigen Kriesenkampfe handelt, wohl bewußt ist, und nicht eher nachgeben wird, als bis die Elemente, welche der Freiheit und dem Fortschritte sich entgegenstemmen, niedergeworfen sind.

Die Sache des Südens ist eine verlorene Sache, sie ist die Sache der Ungerechtigkeit und der Unterdrückung. Ihr den Sieg zu wünschen, heißt Moral und Wahrheit verleugnen; am endlichen Triumphe des Nordens zweifeln, heißt: die ewige Gerechtigkeit in Frage stellen.

O objetivo da Guerra Civil na América do Norte

Tradução de Sophie Clara Rothert Krüger [1]

Os anais da humanidade dificilmente podem ter páginas mais sangrentas e grandiosas do que as que estão sendo escritas pela guerra civil na América do Norte. Essa luta começou há quase quatro anos, e um milhão de pessoas já foram sacrificadas. Uns dizem: à barbárie e à ambição, outros dizem, e nós com eles: à educação e ao progresso. É o eterno batismo de sangue que a humanidade precisa apresentar à verdade.

A Guerra Civil Norte-Americana é uma luta de vida ou morte entre dois princípios. A presa que os dois combatentes disputam chama-se escravidão. Alguns querem destruí-los, outros querem mantê-los e divulgá-los. É uma batalha da luz contra as trevas, da liberdade e do progresso contra a escravidão e o emburrecimento; toda a humanidade está interessada nisso. Hoje está claro o que o Sul quer e o que o Norte quer. A questão de saber se a Constituição norte-americana permite que alguns estados se separem da União é apenas o lado formal da batalha.

O Sul quer a escravidão de corpos e espíritos, e algumas evidências provarão isso.

Um dos grandes homens do Sul, Sargento da Filadélfia, acaba de publicar um livro que diz textualmente:

“Todos os grandes homens do Sul, incluindo os bispos da Igreja Episcopal e os outros membros do clero, declararam que a fundação, a rocha do novo governo, a grande verdade é: 'O negro não é igual ao homem branco, e na escravidão o Sul encontra sua própria existência como nação.'”

Um ministro presbiteriano, Palmer, pregou em Nova Orleans assim:

Neste grande conflito defendemos a causa de Deus e da religião. O espírito abolicionista é o espírito da impiedade. Nossa missão é perseverar, transmitir à posteridade nosso sistema de escravidão e conquistar para ele o direito de disseminação, estabelecê-lo onde quer que a natureza e a providência o permitam se desenvolver. Escolhidos por Deus para serem defensores da escravidão, somente seu desenvolvimento pode nos satisfazer.

Todos os bispos da Igreja do Sul dizem em uma carta pastoral aos fiéis: “Declaramos que a Igreja do Sul é unanimemente a favor da escravidão. Cabe a nós livrar o sistema, no qual queremos fundamentar firmemente nossa vida nacional, de tudo que não seja cristão. Ainda não podemos fazê-lo por causa da pressão exercida pelo abolicionismo (o princípio da abolição da escravatura), mas uma vez que nos livramos dessa praga odiosa e ímpia, devemos provar ao mundo que somos dignos de nossa missão. O abolicionismo, a nosso ver, é um obstáculo aos desígnios de Deus, não traz em si a marca da graça do Senhor. É um fanatismo que não dá frutos abençoados”

[1] Acadêmica de Relações Internacionais, Universidade Positivo, PR.

Um dos teólogos mais eminentes da Carolina do Sul, D. Thornwell, afirma: "A escravidão é uma das melhores instituições da sociedade." Um eminente escritor da Virgínia vai mais longe do que qualquer outro, dizendo: "Limitar a justificação da escravidão à do escravo negro seria enfraquecer a autoridade das Escrituras. A escravidão é necessária, sejam os escravos negros ou brancos." O Richmond Enquirer, o principal órgão do Sul, desenvolve ainda mais esse ditado, acrescentando: "Afirmamos que a escravidão branca, como a escravidão negra, é justa, natural e necessária. Substituímos o lema: liberdade, igualdade e fraternidade por: obediência, escravidão, governo. Esses princípios são a nossa vida, e acreditamos que nossa nação é chamada por Deus para ensinar ao mundo essas grandes verdades." O Southside Democrat, principal jornal da Virgínia, é ainda mais claro: "Odiamos qualquer coisa que diga livre, dos negros livres, odiamos tudo o que o segue: cultura livre, trabalho livre, sociedade livre, arbítrio livre, pensamento livre, escola livre." Esta evidência bastará para provar a ideia pela qual o Sul luta e pela qual o Norte luta. Seria um desastre para toda a humanidade se o Sul fosse vitorioso.

Você percebeu como a narrativa do Jornal Kolonie Zeitung era contra o sistema escravocrata, mesmo circulando em um país como o Brasil, que mantinha a escravidão à época?

Felizmente, o ano passado aproximou a causa do Norte ao triunfo, e a mais forte garantia disso é a reeleição de Abraham Lincoln como Presidente da grande República. A eleição do primeiro funcionário do povo, realizada nas condições mais difíceis em que um povo jamais se encontrou, e na qual dois grandes partidos lutaram pela vitória, transcorreu com tal tranquilidade que nem um só tumulto, nem um só ato de violência estourou; A interferência com os cidadãos no exercício de seu direito mais importante aconteceu de forma tão unânime que, mesmo que os estados do sul tivessem votado, Lincoln teria saído das urnas com uma grande maioria. Isso mostra que o Norte, longe de estar enfraquecido por uma luta sem paralelo, é forte e deseja sinceramente restaurar a união, e que a nação está bem ciente do que é a presente luta gigantesca, e não cederá até que os elementos opostos à liberdade e ao progresso são derrubados. A causa do Sul é uma causa perdida, é a causa da injustiça e da opressão. Desejar sua vitória é negar a moralidade e a verdade; duvidar do triunfo final do Norte significa questionar a justiça eterna.

Você já estudou sobre a guerra civil americana, também conhecida como Guerra de Secessão (1861-1865)?

O que estava em debate nessa guerra? O que defendiam os sulistas e os nortistas?
As questões sociais e políticas abordadas no texto aparecem na nossa contemporaneidade?
Os Estados Unidos na atualidade conseguiram abolir definitivamente a escravidão e o preconceito racial da sua história?

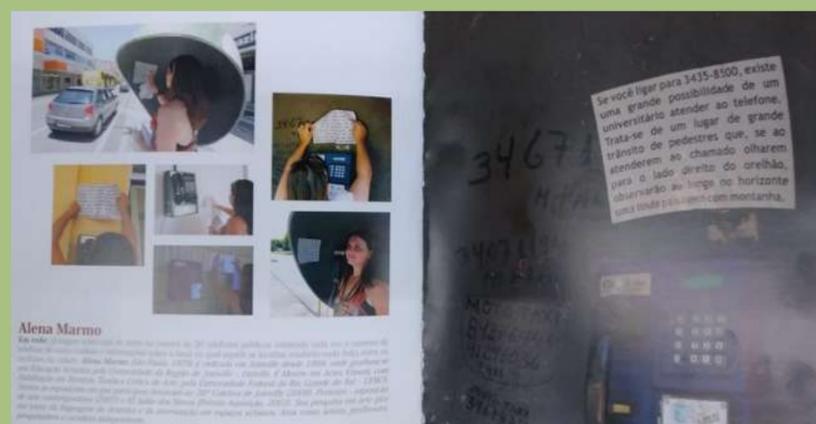
Podemos realizar estudos correlatos da Guerra de Secessão com outras guerras protagonizadas por escravistas e abolicionistas?

Aconteceu na Cidade

Imagens da Coletiva de Artistas
ocorrida entre 15 de janeiro a 28 de fevereiro de 2009, em Joinville



Você conhece a
Coletiva de Artistas de
Joinville?



Você conhece a Casa da Cultura e a Galeria Victor Kursancew?



Você conhece algum artista contemporâneo?



Você conhece o Museu de Arte de Joinville?

Você já viu alguma
intervenção urbana
em Joinville?

Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville
Vol. XVI, n. 21, jul., ago., set., 2022
ISSN 14133434

Prefeitura Municipal de Joinville
Adriano Bornschein Silva
Prefeito

Rejane Gambin
Vice-Prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo
Guilherme Augusto Gassenferth
Secretário de Cultura e Turismo

Francine Olsen
Diretora Executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga
Gerente de Patrimônio e Museus

Arquivo Histórico de Joinville

Dilney Fermino Cunha
Coordenador

Corpo Funcional

Alessandro Moreira
Amauri de Oliveira Prado
Ana Rita Uliano da Silva
Arselle de Andrade da Fontoura
Cátia Regina Hodecker
Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske
Ednilson Nilton Cestrem
Elisangela da Silva
Fernanda Pirog Oçoski
Francisco Severino dos Santos
Gabriel Pavesi Goudard
Gerson Luiz Santana
Giane Maria de Souza
Janice Garcia
Leandro Brier Correia
Marinês de Souza Balin
Nelson Berndt
Nivea Giovanella Reinert
Rodrigo Boçoen
Thainá Camila Tambosi

Organização, coordenação, editoração e diagramação do Boletim

Giane Maria de Souza

Revisão do Boletim

Alessandro Moreira
Giane Maria de Souza
Nelson Berndt

Endereço do AHJ

Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguazu
CEP: 89221-005

Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329

E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

Aceitamos críticas, sugestões e envio de propostas, matérias e artigos, agendamentos de visitas e pesquisas.

Participe!



Prefeitura de Joinville

CULTURA E TURISMO